

CAPÍTULO XI – É PRECISO UMA TEMPESTADE OU UMA CRISE PARA DESPERTAR UMA NATUREZA APÁTICA

A fortuna dos Remington havia ruído! A tempestade finalmente havia passado, e uma mudança significativa chegara à vida dos moradores da Villa. Houve um leilão de bens domésticos — uma renúncia forçada aos seus lares e pertences mais caros. Até mesmo o velho sótão fora profanamente invadido e devastado. Todos os seus tesouros de outros tempos sucumbiram, seja sob o martelo implacável do leiloeiro ou diante das línguas vermelhas e devoradoras da fogueira. Os móveis antigos — há muito banhados dos cômodos inferiores, mas ainda ricos em mogno e jacarandá esculpidos à mão — juntaram-se à procissão silenciosa de rocas e teares, cadeirões e berços que seguiam para a coleção do Sr. Watson, um novo-rico e caçador de relíquias sem escrúpulos. Nada escapou no sótão, exceto os baús com o enxoval de noiva — peças de linho tecido em casa, perfumadas com lavanda e amareladas pelo tempo — e os ricos brocados de seda antiga, com suas saias opulentas e corpetes de renda rígida, que haviam servido a mais de uma noiva da família. Esses baús foram arrastados de seus cantos escuros sob o telhado inclinado, despertando uma colônia de aranhas e centopeias. Uma carroça agrícola estacionada na varanda oeste continha o que fora salvo do desastre e transportou os pertences para uma casa de quatro cômodos perto do moinho em ruínas. Dali em diante, aquele seria o “lar” dos “orgulhosos Remington”. A Villa passara para as mãos de Horace Rathburn.

Enquanto a carroça descia lentamente pela estrada da colina, Sarah Thomas — que levava uma jarra de bebida azeda para Tom Gregory — parou e sorriu. Era um sorrisinho malicioso. Tom transportava pedras para construir outra cerca e, enquanto sua carroça de pedras descia pela trilha verdejante, Sarah parou sob uma grande nogueira e observou a carroça carregada de móveis balançando perigosamente, prestes a tombar na estrada íngreme e pedregosa. Sarah talvez

sentisse um pouco de pena se não odiasse Marozia Remington com um ódio invejoso. Ela puxou as fitas de seu chapéu de sol, pensativa.

— “É apenas uma forma de equilibrar as coisas!” — exclamou ela em voz baixa. A Sra. Gregory girou o corpo em direção a ela (essa é a única palavra que descreve perfeitamente seu andar peculiar), com as fitas do chapéu voando ao vento. Ela possuía um talento nato para farejar fofocas e jamais deixava escapar nada do que acontecia — especialmente aquelas coisas que deveriam, de preferência, transcorrer com certa discrição. Nenhum veículo passava pela estrada da colina sem que os olhos ou ouvidos atentos da Sra. Gregory o detectassem. Ambos os sentidos eram aguçados, como convinha à sua avidez por notícias da vizinhança.

Sem dúvida, ela devia parte de seu sucesso nessa área à dedicação absoluta à sua “atividade”. Jamais permitia que trivialidades como bater manteiga, varrer ou passar roupa interferissem na coleta de notícias. Essa era a sua verdadeira vocação; todas as tarefas domésticas não passavam de questões secundárias. Com as mãos ainda sujas de massa ou água de lavar louça, ela pegava seu chapéu de sol e, com as mãos na cintura, examinava cada detalhe da cena que se desenrolava diante dela. Nessas ocasiões, sua postura compunha um elemento marcante da decoração do jardim — algo que combinava perfeitamente com o local. Aquele pedaço de verde, a que se dava o nome de jardim, consistia em grama alta e desgrehada, malvas-reais exuberantes e canteiros de petúnias, calêndulas e cravinas que lutavam timidamente para ganhar destaque em meio ao tanaceto e à erva-de-gato. O cenário era tão grotesco e absurdo quanto a própria Sra. Gregory.

— “Ora, Sa-ry, o que foi que eu te disse?” — ela ofegava enquanto avançava com todo o seu vulto imponente em direção à pequena figura sob a nogueira. Seu peso lutava heroicamente contra a ladeira e o calor, mas, naquele caso, a recompensa era mais do que satisfatória. Ela estava radiante e, pela primeira

vez, a demora de Sarah não rendeu nenhuma bronca. Acomodou-se sob a árvore, de onde se tinha uma boa vista da carroça que descia, e começou:

— “Os Remington acabaram vindo morar aqui embaixo mesmo! Eu te disse no ano passado que eles desceriam! Você não se lembra de eu ter dito, em tom de brincadeira, exatamente estas palavras — pelo menos que eu me lembre, e é claro que ninguém consegue se lembrar de cada palavra dita, mas, como eu ia dizendo... pelo que me recordo, foi exatamente isso que eu te disse, Sa-ry Jane, no dia em que você veio morar aqui comigo: ‘Pode anotar o que eu digo: a Maroshy Remington ainda vai cair do cavalo — quer ver só? Ela nasceu, mas ainda não morreu!’ Você não se lembra de eu ter dito isso? (Não precisa desviar o olhar e fingir que não lembra! Eu sei que o Tom está chegando, mas não importa, escute o que eu digo!). Ouvi umas coisas naquele dia que prometi não contar (e nunca contei para ninguém, exceto para a Sra. Peters, a Sra. Slater e mais uma ou duas pessoas que eu achava que deviam saber!).” Ela fez uma pausa para se abanar com o avental.

— “Dizem que a Maroshy está de olho num sujeito rico de Nova York! Ele anda rondando a Villa há um bom tempo — imagino que ele achasse que os Remington eram ricos, pelo jeito que eles se exibiam! As meninas Watson também estão atrás dele e, provavelmente, vão ficar com ele agora — afinal, é claro que ele não vai querer nada com uma moça pobre!”. Uma pontada de ciúme, acompanhada de medo, atravessou o coração de Sarah. A Sra. Gregory continuou:

— “Engraçado, não é? Ela ia para Utica estudar, sendo que o pai dela também é professor... Imagino que tenha sido só para se exibir para aquele sujeito de Nova York! Pois é, tem gente que adora bancar a importante! Duvido que eu gastasse todo esse dinheiro só com estudo! Preferia investir em umas boas vacas!”.

A engrenagem na cabeça da Sra. Gregory tinha um mecanismo admirável. Raramente precisava de corda e nunca deixava de funcionar por uma ou duas horas, com apenas breves pausas. Sarah frequentemente sorria com ironia diante daquela confusão irremediável de palavras e valores. Ela já conseguia perceber a ironia das situações, agora que seu espírito havia sido marcado pela amargura. Às vezes, é preciso uma tempestade ou uma crise para despertar uma natureza apática ou revelar toda a força de uma Mente brilhante.

— “Você está com uma cor melhor, Sary, desde que começou a andar pela fazenda! Meninas não precisam de estudo, de jeito nenhum — isso as estraga e as deixa pálidas e com cara de doentes... além de deixá-las orgulhosas e metidas — como a Maroshy Remington! Bem, acho que ela vai baixar a crista agora! Digo, como eu gostaria de dar uma espiada neles agora, lá naquele barraco apertado! Bom... vamos lá, Sary, já ficamos paradas aqui tempo demais — temos que voltar para a nossa bateadeira de manteiga! Depressa, leve a bebida azedinha cítrica para o Tom e não deixe que eu te pegue ficando nem um minuto a mais do que o necessário!”. A carroça da fazenda havia desaparecido de vista. Enquanto a Sra. Gregory se afastava com seu andar bamboleante, Sarah deixou transparecer seu desprezo e fez uma careta de nojo, caminhando sem ânimo em direção a Tom com a jarra de água com vinagre e açúcar. Com um sorriso cômico, ele estendeu a mão para pegar a jarra e, ao mesmo tempo, agarrou-a. Ela se livrou do aperto dele e ficou diante dele com os olhos faiscando.

— “Credo, eu não sabia que você conseguia ficar tão brava, Sally! Mas isso deixa você muito bonita — juro que deixa!”

— “Nunca mais fale comigo, Tom Gregory — eu odeio você!”

— “Ah, não odeia não! Vamos lá, Sally — é assim que você fala com o Sr. Rattlebones? Esse é o nome dele, não é?”. O rosto dela ficou vermelho de vergonha e raiva enquanto ela se virava e o deixava para trás.

— “É isso que eu ganho! Eu mesma me coloco numa situação para ser tratada assim! Quem dera o Sr. Rathburn se casasse comigo e me levasse embora... aí sim eu ia mostrar para eles!”. Lágrimas de raiva brotaram em seus olhos. Tom não cantava mais enquanto trabalhava. Com um baque surdo, as pedras eram empilhadas para o muro.

Uma lembrança repentina fez Sarah parar bruscamente.

— “É exatamente aqui que eu estava no dia em que amaldiçoei Marozia Remington! Isso foi há quase um ano — antes de eu conhecer Claude! Dizem que as maldições, assim como as galinhas, sempre voltam para o poleiro — mas essa não! Ela foi direto para ela — e lá ficou! Ela até perdeu a casa — e o homem por quem tanto lutou! Eu ainda vou tê-lo, nem que isso me mate! Ele simplesmente tem de se casar comigo e me tirar desta vida miserável! Ele não parece muito entusiasmado com a ideia, mas usarei todos os recursos que tenho para conquistá-lo — e depois, não me importo com mais nada!”

Enquanto Sarah caminhava de mau humor, sentia amargura no coração. Ela andava insatisfeita com o trabalho — a rotina exaustiva havia se tornado insuportável.